

A MORTE DO PAI – CAPÍTULO DE AMOR DE UMA BIBLIOTECA HUMANA

THE DEATH OF THE FATHER – A LOVE CHAPTER OF A HUMAN LIBRARY

Eguimar Felício Chaveiro¹

RESUMO

Ao tomar como referência a noção de Bibliotecas Humanas e estabelecer um diálogo com princípios psicanalíticos, é que este trabalho foi elaborado. Foi possível, na construção argumentativa, estabelecer uma ponte com teoria de espaço esboçada pela geografia brasileira. O evento da morte do pai se inscreveu como uma fonte pedagógica e ontológica. O sentimento de perda com seus traços de dores sofreu, durante um trabalho de resignificação, um contorno positivo. Enfim, o reconhecimento do pai serviu de reconhecimento da própria identidade.

Palavras-chaves: Bibliotecas Humanas; pedagogia da morte; memória

INTRODUÇÃO

De maneira esporádica, mas com ênfase, repito aos amigos e às amigas ao falar da morte do meu pai que, aquele dia, 14 de Maio de 1982, foi um dos principais capítulos da minha vida. O pai, o senhor Sebastião Felício Neto, na passagem dos 48 para os 49 anos, de maneira abrupta, mediante um enfarto fulminante, tombou-se sem aviso. Os membros da minha família, eu, meu irmão e a minha mãe, voltando do cemitério de Trindade onde o meu pai foi enterrado, abraçados e encharcados da sensação de perda, prometemos união, amor e coragem. A promessa foi cumprida, especialmente porque a senhora Luzia Felício Chaveiro, a mãe, com simplicidade e decisão, disse que, a partir daquele instante, faria tudo pelos filhos. E fez.

Quem passa por um evento de perda fatal como ocorreu comigo e com a minha família nuclear faz, na linguagem da psicanálise, os mais diferentes negócios subjetivos. Por ser o mais velho, num ato inconsciente, me dei a responsabilidade de enfrentar a situação com desvelo e força. Poucas ou quase nenhuma lágrima descera na minha face no instante da morte do pai, entretanto um turbilhão delas, desamparadas, estranhas, intrusivas permaneceram por mais de uma década incendiando vários processos de atualização.

Por coincidência, na véspera de completar 40 anos da morte do pai, fui convidado para participar de um projeto denominado “Biblioteca Humana”, envergado pela professora Vera Lucia Paganini, da Universidade Estadual de Goiás. O projeto de extensão “BIBLIOTECA HUMANA: lendo memórias, lemos vida”, ao abrir a porta para que eu contasse a história do pai reacendeu uma memória de amor, reacendendo junto uma espécie de acertos de conta subjetivo com a sua ausência.

¹ Universidade Federal de Goiás/UFG; Eguimar@hotmail.com

A partir do convite me formulado, entrei num processo de profunda concentração pessoal. Tentei anotar num caderno a tiracolo o que recordava dos 18 anos de convivência com o pai. Criei oportunidades para entrevistar primos, primas, parentes, ex-amigos de meu pai, conhecidos e especialmente a mãe. Nos momentos de preparo da palestra, muitas lágrimas vieram sem nenhuma vocação de me chantagear. Chegaram, na intermitência do preparo, em momentos sutis que, mais a frente, serviram para que pudesse criar um esboço da minha referência paterna.

Com as informações brotando aqui e ali, junto à leitura psicanalítica feita com o professor, psicanalista e literato Alan Oliveira Machado, acedeu-se uma análise geográfica do pai proveniente do espaço rural de Goiás e do filho que se situava na transição do mundo rural para o mundo urbano. Espaços e tempos se aglutinavam para situar o pai – e a sua índole. O pai é também um fato geográfico, foi entendido.

Não sabia como a minha emoção iria se comportar no momento da palestra. Com a presença da mãe, parentes, amigos e amigas, tudo ocorreu com alegria e profunda gratidão. Aliás, anteriormente em terapia, numa sessão emotiva, fui avisado pelo terapeuta o que me serviu de alento. Com voz branda e respeitosa, Lindomar Tomé de Souza, o terapeuta, disse-me: “difícilmente uma morte não deixa legados positivos”.

Entendi, de imediato, que o meu senso de responsabilidade, a relação de profundo afeto com a família, o jeito desconfiado de lidar com a vida, a impregnação da máxima sartreana para o qual “a vida é insolúvel porque é devir (Sartre, 1987, pag 12)”, tinham suportes na morte do pai. Entendi também que, assim procedendo, ele não apenas me acompanhou durante as décadas posterior à sua morte, mas situava-se no que me tornei, lógico, sob múltiplas e complexas determinações sociais.

O contorno da significação da perda para a de conquista seguiu rumos. No momento da participação do projeto Bibliotecas Humanas, estava me dedicando, em forma de pesquisa e de estudos, como ainda estou, em elaborar uma cartografia das narrativas contemporâneas. Quis situar a ideia de Biblioteca Humana - e de livros humanos no lume da narração contemporânea. Percebi que,

“O projeto The Human Library,- Biblioteca Humana, criado na Europa por volta do ano de 2000, visa promover um conhecimento que não está registrado. A ideia é a de que, ao invés de pegar emprestado um livro, você aluga um livro humano. Mas, como assim. A dinâmica é bem simples, mas a experiência é enriquecedora. Se você tem uma história para contar, que considere interessante, e tem algum tempo disponível, já pode participar (Gauss, 2107, p. 8)”.

Estava consciente que ao compor uma legenda da Biblioteca Humana tendo como base a vida e a morte do pai, além de participar das múltiplas formas da narrativa contemporânea, em que se situam as formas e os gêneros como a escrivência, a escreitura, escrivederia, os podcasts, os tokbooks, os testemunhos, a escritura digital, compartilhada e outras tantas, os ganhos pedagógicos se verteriam a mim. Tratava de assegurar o pressuposto de que a memória é fonte de descoberta e de mudança. Mas, sob a fluência da significação, fundada em interditos, traumas, medos, opressões, ela sempre escapa e falha. Não àtoa, os estudiosos da memória vão apregoar que “a memória é uma invenção do presente”.

O que tinha sido desvendado no projeto Biblioteca Humana foi a base para, num período de três meses ininterruptos, no divã da psicanalista Carla Jaime, em Goiânia, ganhar

prumo. As sessões, cheias de volteios, indo e vindo, no divã e na minha casa, na casa da minha mãe e de amigos e amigas, foram os fundamentos para se elaborar uma síntese do pai. Três palavras foram efetivas para designar o pai. Mascateiro (vendedor de coisas simples e de tudo); poeta popular e palhaço de folia. Dono de uma comunicação humorada, ágil e surpreendente, intenso e guiado pelo princípio do prazer, falido e fantasioso, não foi o exemplo de pai de família conforme as leis do cartório de registro civil de Goiás. O pai fugiu dos requisitos do pai-família da troca simples goiana conforme os preceitos dissimulados e autoritários do patriarcado patrimonialista. Pelo contrário, foi contraventor, dissidente, transgressor.

Alguns episódios comprovam isso. Ainda solteiro, o pai migrou-se para o Estado de São Paulo. Depois de morar em vários lugares no estado de São Paulo, voltou para Goiás em função da doença do meu avô Antonio Felício. Com o adoecimento da irmã, resolveu ficar por aqui onde foi noivo por 9 vezes. Afroindígena de uma família negra de meeiros casou-se com a mãe, uma branca de origem da fazenda goiana.

Nasci de um conflito interétnico, de classes sociais e de referências na estrutura psíquica, ele princípio do prazer, e a mãe, princípio da realidade. Recentemente ao ouvir uma palestra ministrada pela professora e doutoranda Weigma Michely da Silva versando sobre o meu percurso formativo mediante a sua tese de doutoramento, fotografei com nitidez solar as minhas características. Durante todo o percurso fui uma pessoa profundamente disciplinada e definitivamente transgressora. Encarno o pai e a mãe. A minha voz possui o fio que trança entre o princípio do prazer e o princípio da realidade. A minha voz e a minha vida.

Apesar disso, não se pode olvidar as minhas experiências, dentro e fora da universidade, no mundo do trabalho, na política, na literatura e no afeto. Por exemplo: tive pouca experiência com o teatro. Em Trindade, no grupo "O Povo da Terra", fiz cursos com grandes teatrólogos de Goiás e encenei duas peças. Embora, a experiência tenha sido pequena, a personalidade teatral originada da referência do pai se mantém como uma espécie de pacto de origem e de amor. E assim, eu vou para a rua, para as salas de aula e para a próxima cena.

REFERÊNCIAS

CARBONI, F.; MAESTRI, M. A linguagem escravizada: língua, história, poder e luta de classes. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

EVARISTO, CONCEIÇÃO. A escrevivência serve também para as pessoas pensarem. Entrevista concedida ao Itaú Cultural. São Paulo: 09.11.2020 – disponível em [CONCEIÇÃO EVARISTO - "A escrevivência serve também para as pessoas pensarem" | Itaú Social](#) – Acesso em 05 de Janeiro de 2025.

GAUSS, Vera Maria. Projeto Biblioteca Humana, (2017)in: Blog da Biblioteca Pública Municipal de Charqueadas/RS, acessado em 14-04-2025 - [Biblioteca Pública Municipal Profª Vera Maria Gauss: Projeto Biblioteca Humana](#)

HAN, Byung-Chul. A crise da narração. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. Onde é que eu estou? Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SARTRE, J-P. O existencialismo é um Humanismo; A imaginação; Questão de método. São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1987.